

Que fim levou / Presidente evita permanecer no Rio após incidente no Paço

Sarney nunca mais utilizou suíte presidencial do Glória

Em 1985, o proprietário do Hotel Glória, Eduardo Tapajós, não poupou esforços nem dinheiro para ampliar a suíte 1.011, preferida já então havia mais de 20 anos pelo seu assíduo hóspede José Sarney, desde os tempos de Deputado federal pela UDN. Ela tinha um quarto com banheiro e uma sala de visitas, pouco espaço, no entender de Tapajós, para abrigar o antigo amigo que se tornou Presidente do Brasil. Como Sarney manifestou, na ocasião, o desejo de continuar no hotel quando estivesse no Rio, o Glória procurou dar a ele todo luxo e conforto que julgava merecer um chefe da Nação. A modesta 1.011, de originalmente 80 metros quadrados, ficou quatro vezes maior: ganhou dois quartos, dois banheiros, uma sala de jantar, outra de estar e uma saleta, onde José Sarney instalou o seu escritório e o seu telefone vermelho.

Não contava o proprietário do Glória, assim como, provavelmente, também o Presidente, que tamanha suíte, com vista privilegiada para a Baía de Guanabara, seria tão pouco usada. As pedras atiradas contra o ônibus da comitiva presidencial no Paço Imperial, com a destruição a picaireta do vidro da janela onde Sarney estava sentado, fizeram com que o Rio deixasse de figurar nos roteiros das viagens presidenciais. Desde o incidente, que aconteceu no dia 25 de julho de 1987, quando veio ao Rio para comemorar o primeiro ano da lei conhecida por seu nome, Sarney nunca mais hospedou-se no Glória.

Foram presos, então, pela Polícia



Foto de Ricardo Leoni

A sala de estar, especialmente reformada para hospedar a família Sarney

Federal, o bioquímico Danilo Groff, ex-assessor de Leonel Brizola, e o professor Mauricio Pencak, da Executiva da Central Única dos Trabalhadores (CUT), acusados de terem iniciado a manifestação. Os dois foram enquadrados nos artigos 20 e 23 da Lei de Segurança Nacional, por incitamento à subversão da ordem política e social. Eles aguardam decisão para o caso, e provavelmente serão beneficiados por anistia.

Depois de 25 de junho de 1987 o Presidente nunca mais voltou ao Hotel Glória. De lá para cá, veio ao Rio sete vezes, mas em nenhuma delas permaneceu na cidade. Em todas as

suas visitas, quase sempre em razão de eventos das Forças Armadas, ele se restringiu ao espaço das áreas militares. A primeira vez que voltou ao Estado depois dos acontecimentos do Paço Imperial foi no dia 23 de setembro de 1987, quando visitou a Plataforma de Enchova, em Campos. Nos dias 12 e 13 de dezembro participou da formatura de cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras, em Resende. No dia 7 de março de 1988 veio para a festa do 180º aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais, no dia 16 para visita ao navio-escola da Marinha, e a 8 de maio para as comemorações do Dia da Vitória. A úl-

tima foi na semana passada, na passagem do aniversário da Intendência Comunista, regressando a Brasília no mesmo dia. O único compromisso extra-agenda do Presidente no Rio durante todo este período, segundo a assessoria do Palácio, aconteceu no dia 3 de março, quando viajou para o aniversário de um amigo íntimo.

A última vez que a suíte esteve ocupada foi em outubro último, por Dona Marly. Desde então permanece fechada e atualmente ganha reformas em um dos banheiros e na sala. Maria Clara, mulher de Eduardo Tapajós, responsável pela decoração, resolveu trocar os ladrilhos de um dos banheiros por mármore e melhorar a suíte. Para o Glória, explicou Dirceu Ezequiel, Relações Públicas do Hotel, Sarney e sua família são hóspedes queridos. Quando ocupa a suíte, o Presidente paga a diária, que fica hoje em CZ\$ 300 mil, com 30 por cento de desconto. Quando não está no Rio, a 1.011 permanece fechada, já que lá ficam o fardão de Sarney para solenidades na Academia e roupas e objetos pessoais do casal.

Quando deixar a Presidência, será Sarney quem decidirá se vai ou não continuar ocupando a espaçosa suíte presidencial. Caso queira ter de volta a antiga 1.011, tal como era antes, não há problemas: o Glória levantará a parede novamente, separando-a dos demais aposentos — garantiu Ezequiel, informando também que o Hotel não sofreu prejuízos com a pouca frequência de José Sarney. Só deixou de ganhar.